



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6493 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT12 - Currículo

NO PRESCRITO, O QUE ESTÁ INSCRITO? O CORPO E A CULTURA NO CURRÍCULO DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA/UFS – AUSÊNCIAS E PRESENCAS

Marília Menezes Nascimento Souza Carvalho - UFBA - Universidade Federal da Bahia

Maria Cecília de Paula Silva - UNIVERSIDADE FEDERAL DE BAHIA

NO PRESCRITO, O QUE ESTÁ INSCRITO? O CORPO E A CULTURA NO CURRÍCULO DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA/UFS – AUSÊNCIAS E PRESENCAS

INTRODUÇÃO

Este estudo teve por objetivo analisar os documentos prescritivos da formação de professores em Educação Física da Universidade Federal de Sergipe, especificamente o projeto pedagógico e a estrutura curricular do curso, identificando ausências e presenças quanto à relação corpo-cultura. Essa discussão apresenta-se como parte inicial de pesquisa doutoral, em desenvolvimento pelo Programa de Pós-graduação em Educação da UFBA, cujo argumento de tese defende que a sensibilização docente para uma práxis educativa com a cultura corporal numa perspectiva crítica e emancipatória requer uma experiência formacional que interaja com o corpo e a(s) cultura(s) dos sujeitos em formação.

Assim, realizamos um estudo teórico, qualitativo, do tipo pesquisa documental, orientado pelas teorizações dos Estudos Culturais, das perspectivas pós-críticas de currículo e da Sociologia do Corpo. Os resultados da análise empreendida fortalecem a percepção da necessidade de se ousar experiências com fins formacionais atentas e dialógicas com as corporeidades dos licenciandos. Desse modo, a partir da identificação das ausências e presenças quanto a relação corpo-cultura no currículo da licenciatura em Educação Física da UFS, podemos teorizar, propor, experimentar e analisar caminhos para uma práxis que radicaliza a relação corpo-cultura como fundamento para a sensibilização docente no trato com a cultura corporal na Educação Básica.

CURRÍCULO, CORPO E CULTURA: REFLEXÕES PARA A EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO HUMANA

“Não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa”, a afirmação de Candau (2010, p. 13) é basilar na discussão que delineamos e sustenta as reflexões sobre a íntima relação entre educação e cultura(s). Partir desse ponto nos demanda aguçar o olhar sobre e com a dinâmica cultural dos diferentes contextos locais e da relação com o global como condição *si ne qua non* para qualquer anseio e proposição educacional que se queira comprometida com a emancipação humana.

Isso porque, ainda conforme a autora, é impossível se conceber uma experiência pedagógica “desculturalizada”, desvinculada da complexa teia de valores e sentidos que permeiam as diferentes sociedades. Não há educação que não esteja imersa na cultura da humanidade e, particularmente, do momento histórico em que se situa, sob os condicionantes que se apresentam hegemônicos em cada contexto.

As interpretações críticas da educação denunciam que na sociedade de classes os grupos econômica e politicamente dominantes possuem o poder cultural e seus saberes, valores e sentidos são socializados por meio de experiências formacionais. Sejam elas formais ou não, intencionais ou não, experiências formacionais se efetivam nas relações culturais que se estabelecem na vida social, nas interações entre os sujeitos, constituindo um processo contínuo e complexo de formação de sua subjetividade, de suas identidades. No âmbito formal acontecem por meio dos currículos das instituições de ensino.

No contexto político cultural brasileiro e global contemporâneo, marcado hegemonicamente por relações em que as diferenças têm traduzido desigualdades e injustiças, a tendência tem sido perpetuar a lógica da sociedade de classes. As teorizações pós-críticas, têm avançado suas análises para compreender que, mesmo no contexto de sociedades capitalistas, em que ainda prevalecem as divisões de classe e o domínio dos que detém o poder econômico, se percebem outros grupos como politicamente dominantes. Isso marca o processo de complexificação da sociedade contemporânea, a compressão espaço-tempo, as relações sociais em que o global se sobrepõe ao local, gerando processos de homogeneização cultural e tensões entre as diferenças. Homens, brancos, heterossexuais, de origem europeia e estadunidenses têm dominado a cena (HALL, 1997).

O currículo, pode então ser visto como uma invenção sociocultural, constituída no seio da tradição pedagógica. “(...) configura-se numa *política de sentido* conceitual. Se explicita a partir do interesse em conceber, organizar, implementar, institucionalizar e avaliar saberes e atividades eleitos como formativos” (Macedo, 2016, p. 18).

Desse modo, nos contextos de educação formal, uma hierarquia de saberes tem tensionado e marcado o que é ensinado, a quem, como e para que. Assim, as teorias pós-críticas da educação entendem o currículo como uma questão de identidade. E, na perspectiva de uma educação para a emancipação humana indicam que para além da preocupação com “o que” e o “como” se ensina, cabe a pergunta “que sujeitos se pretende formar?”. (SILVA, 2002)

Compreendemos, então, o currículo como política cultural. Que atua no âmbito da formação humana, interagindo culturas, a partir de uma decisão política em defesa e promoção de valores que visam fazer frente à sociedade de classes e contribuir para a justiça social. Nesse sentido, qual/ais as possibilidades e desafios temos para a efetivação de perspectivas curriculares politicamente comprometidas com a emancipação humana e a diversidade cultural?

Como pensar/efetivar o desenvolvimento de um conhecimento sensível e sensibilizante num contexto que carrega a herança de processos educacionais que negam, controlam e padronizam sentidos, sentimentos, emoções e expressões? É possível

pensar/materializar uma educação com a cultura sem pensar uma educação com o corpo?

O corpo aprende. Nesse sentido, é necessária a inserção do corpo nas discussões sobre educação. Conforme Silva (2009), para além da escola, cada sociedade específica, em diferentes momentos históricos e com sua experiência acumulada, ensina o corpo a ser e expressar-se desse e/ou daquele jeito. Mesmo no interior de uma mesma sociedade, o corpo se expressa de acordo com sua historicidade, com as relações que estabelece ao longo de sua vida nos diferentes contextos que experiencia sua existência.

São as experiências e partilhas presentes do contexto social que vão delineando os corpos, por meio dos símbolos que estes carregam, as marcas culturais. Nossa existência é corpórea, assim, é o corpo que sofre os estigmas sociais, do mesmo modo que no corpo se efetivam as ações, os ritos, os símbolos que são associados a uma determinada cultura.

O corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que encarna. A caracterização do corpo, longe de ser unanimidade nas sociedades Humanas, revela-se surpreendentemente difícil e suscita várias questões epistemológicas. O corpo é uma falsa evidência, não é um dado inequívoco, mas o efeito de uma elaboração social e cultural. (LE BRETON, 2007, p. 26)

Por isso propomos centralizar a relação corpo-cultura na relação com a educação e identidade. E, nessa perspectiva, cabe ampliar a discussão do currículo pós-crítico, junto com Silva (2009), e questionar: que tipo de homem, de corpo se pretende formar hoje? E mais: Como se tem formado os corpos que irão contribuir para formar outros corpos por meio da educação escolar?

Assim, é uma necessidade analisar os documentos curriculares prescritivos da formação de professores, nesse caso de Educação Física que lida diretamente com o corpo e o movimento, identificando ausências e presenças quanto à relação corpo-cultura para se pensar/ousar caminhos formativos que favoreçam a educação de corpos insubmissos, sensíveis à diversidade no diálogo com a cultura corporal.

PRESENCAS E AUSÊNCIAS: A CONTRADIÇÃO COMO POLÍTICA CULTURAL OCULTA NO CURRÍCULO DA FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Analisamos o documento curricular do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (UFS), contexto que compõe o campo investigativo desse estudo. A partir daí, tecemos inferências que subsidiam pensar/ousar os caminhos formativos que potencializem a educação de corpos sensíveis à diversidade cultural.

O curso de Educação Física da UFS foi criado em 1975 no Centro de Ciências Biológicas e da Saúde e reconhecido através do Decreto nº 81.687 de 18.05.78 (D.O. U. 19.05.78). Até o presente momento, a estrutura curricular foi alterada por quatro vezes, “tanto para atender a legislação pertinente, quanto aos anseios da comunidade acadêmica da área” (DEF/UFS, 2009).

A última alteração ocorreu em 2011 (Resolução nº 19/2011/CONEP/UFS) e continua em vigor, mas cabe destacar que tramita no Conselho Superior da UFS outra proposta de alteração, motivada especialmente pela Resolução CNE/CP nº 2 de 1º de julho de 2015, e pela Resolução CNE/CP nº 1 de 2 de julho de 2019, dentre outras resoluções de âmbito nacional e local. Teceremos nossas análises a respeito do Projeto Pedagógico e Currículo do Curso de Educação Física Licenciatura da UFS vigentes no Tempo Presente.

O objetivo geral apresentado para o curso é “formar professores qualificados para intervir, acadêmica e profissionalmente, em instituições públicas e privadas, no componente curricular de Educação Física da Educação Básica e Profissional”. Os demais objetivos tratam da formação para atuação nos processos do ensino, como metodologias de ensino, domínio de conteúdos da Educação Física, estratégias de gestão da sala de aula e argumentação em defesa do componente curricular na Educação Básica.

O documento apresenta os enfoques que o curso tem sobre a formação do licenciando. Nesse aspecto, destacamos o terceiro enfoque apresentado: “refletir, na sua prática como profissional e como cidadão, competências e habilidades relacionadas à sua formação pessoal, à compreensão da Educação Física, à busca de informação, à comunicação e expressão, ao ensino de Educação Física e à profissão”. Os dois demais tratam da preparação específica sobre a organização as atividades pertinentes ao ensino.

Quanto às competências e habilidades a serem adquiridas pelo licenciando ao longo do desenvolvimento das atividades curriculares e complementares do curso, são apresentadas oito proposições. Destas, na nossa compreensão, seis remetem a uma necessidade de aprofundamento da compreensão e experiência com a relação corpo-cultura ao longo do processo formacional. Entretanto, as mesmas se apresentam num contexto de complexidade de intenções e unem aspectos que se referem ao corpo numa dimensão mais biológica, atenta aos aspectos motores e fisiológicos, a aspectos culturais que envolvem a prática profissional do docente.

Não entendemos como um problema reconhecer e dedicar parte da formação profissional à compreensão do funcionamento biológico do corpo. Mas não podemos deixar de notar e sinalizar contradições, ao se propor dar conta de uma formação que viabilize uma atuação docente comprometida com a democracia, o engajamento com a função social da escola e a formação cultural, mencionando o corpo muito mais numa perspectiva anatomo-fisiológica, que numa concepção histórica-cultural ampliada, que compreenda inclusive, os efeitos das interações sociais no funcionamento dessa própria biologia e a compreensão da diversidade como característica, conforme as análises de Le Breton (2007).

Corroborando com essa análise, o fato de o documento apresentar entre os pesos para as provas pertinentes ao processo seletivo que dá acesso ao curso maior intensidade à prova de biologia, peso 04 (quatro). Sendo as demais: Português - 04 (quatro), Matemática - 02 (dois), Geografia - 01 (um), Física - 02 (dois), Língua Estrangeira - 03 (três), Química - 02 (dois), História - 01 (um).

Mesmo a Educação Física compondo a área de linguagens na Educação Básica, os pesos dos conhecimentos para o acesso ao curso dão conta de saberes que não subsidiam uma compreensão do movimento enquanto linguagem, tal qual vem sendo argumentado desde a

publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1997, e reforçado com as normativas curriculares que tratam do ensino da Educação Física na Educação Básica no Brasil desde então. Isso expõe a força das raízes históricas da Educação Física que repercutem até a atualidade, reverberando uma herança cultural e científica moderna, que se preocupa com o controle do corpo e seu funcionamento, desdobrando sobre as práticas da educação do corpo e da Educação Física, notadamente com a valorização do discurso médico higienista e esportivista (SILVA, 2009).

O documento menciona que organização curricular está apoiada nas unidades de conhecimento de formação específica e ampliada. De modo que a “Formação Ampliada - abrange as seguintes dimensões do conhecimento: relação ser humano e sociedade, biológica do corpo humano e produção do conhecimento científico e tecnológico”; e a “Formação Específica - abrange os conhecimentos identificadores da Educação Física, e contempla as seguintes dimensões: culturais do movimento humano, técnico-instrumental e didático-pedagógico”.

O currículo do Curso de Educação Física Licenciatura é formado por um Currículo Padrão que inclui as disciplinas obrigatórias, e por um Currículo Complementar, que inclui as disciplinas optativas. A formação ampliada está organizada em duas partes: a Cultura Geral e Profissional, desenvolvida por meio de atividades complementares, e a formação comum, composta por dois eixos. O eixo I, “Conhecimento Cultural, Social, Político e Histórico da Educação e Educação Física” e o eixo II, “Conhecimento sobre Crianças, Jovens e Adultos”.

Entre os componentes curriculares da Formação ampliada, destacamos a presença de componentes que subsidiam uma compreensão ampla do corpo e sua relação com a cultura, ao menos no âmbito do que se propõem os campos teóricos e as ementas.

Para a formação específica são propostos quatro eixos: I - Corpo e Movimento; II - Fundamentos Pedagógicos da Ed. Física; III - Práticas Corporais e Formação Escolar; IV - Pesquisa na Educação Física Escolar.

O primeiro é composto por componentes curriculares que perspectivam a relação entre corpo e movimento, e localizam a partir dos campos teóricos apresentados nas ementas, preponderantemente, uma compreensão de corpo reduzida aos aspectos biológicos: Crescimento e Desenvolvimento Humano, Bases da Anatomia para a Educação Física; Fisiologia Básica; Comportamento Motor; Aprendizagem Motora em Educação Física; Saúde, Sociedade e Educação Física.

Este eixo reúne ainda componentes curriculares que atuam com conhecimentos pautados nos aspectos psicológicos e psicomotores da maturação e do desenvolvimento humano. Mas, podemos destacar um olhar para o corpo na sua relação com a cultura na ementa do componente Educação Física, Adaptação e Inclusão, que apresenta como intenção de estudo, dentre outros aspectos, a “produção social dos diferentes e das diferenças. Corpo, identidade e estigma. (...) As diferentes linguagens possíveis/necessárias na educação inclusiva”. Também, o componente Ensino da educação Física na Educação infantil, que propõe “análise dos espaços e da cultura lúdica com ênfase nas possibilidades participativas, críticas e expressivas”.

O segundo eixo apresenta componentes curriculares que em suas ementas demonstram uma preocupação com o ensino a partir de sua contextualização cultural. Percebemos, entretanto, que a relação corpo-cultura praticamente não aparece de forma explícita, mas tema como por exemplo: “estética, corporeidade e brincadeira”, nos permite inferir que essa complexidade e centralidade possa ser presente ao longo dos estudos e atividades do componente.

Para o Eixo três, apresentam-se quatro componentes curriculares e em todos eles observamos uma preocupação em abordar as manifestações corporais (ginástica, esporte e dança) enquanto expressões da cultura corporal, com a proposição de estudo dos aspectos culturais que condicionam a trajetória histórica dessas manifestações.

O Eixo quatro apresenta componentes curriculares e atividades relativas à Pesquisa na Educação Física Escolar e Conhecimento Advindo da Experiência, que compreende atividade docente articuladas ao conhecimento teórico (Diluídas nas disciplinas obrigatórias).

A partir de uma análise geral do documento curricular do curso, podemos observar muitas presenças dos aspectos culturais que envolvem o objeto de ensino da Educação Física. É presente também a discussão sobre corpo. Destaquemos que o corpo aparece em dimensões variadas e muitas vezes reduzida aos aspectos biológicos, e associado à tematização de técnicas, conhecimentos e estratégias de controle e padronização de seu funcionamento, desenvolvimento e expressão de movimento. Isso concorrendo com outros componentes que perspectivam uma abordagem ampla e complexa da corporeidade, do seu aspecto histórico e cultural e de suas relações com a educação. Especialmente nos componentes que apresentam-se como proposição para os primeiros semestres, compondo a “Formação Comum”. Observamos ainda a não existência de forma explícita e direta de indicação da discussão sobre diversidade cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A condição humana implica a edificação de uma personalidade social no curso de um processo cultural que é criação e não simplesmente atualização de uma essência humana eterna. Se por um lado isso nos anima na esperança de consolidar uma práxis formacional emancipatória na formação docente. Por outro, isso também implica falarmos da necessidade de fundamental de fortalecer uma experiência democrática nesse processo.

Os/as educadores/as têm papel importante na potência de formar corpos revolucionários. É preciso ao/à educador/a, entender-se enquanto corpo, histórica e culturalmente construído, sensível às questões que o oprimem e oprimem aos outros, vários, muitos, por motivos diversos e condicionam situações e lugares sociais desiguais. É preciso oferecer a esses sujeitos a oportunidade de romperem o ciclo de práticas docilizantes de seus corpos, ampliar o olhar sobre a educação, entendendo-a na relação com a cultura e com a produção de subjetividades e identidades.

Estamos falando então de uma experiência formacional de docentes que se entenda justamente como processo, como parte da formação humana do sujeito e que atuará na formação de outros no exercício da docência. Estamos falando na justa necessidade de rearticular currículos e práticas formacionais num diálogo direto com os corpos e as culturas às quais formaram e formam a história e as identidades dos/as educadores/as em formação.

Constituir/efetivar currículos como políticas culturais para a emancipação humana, especialmente nos cursos de formação docente, requer uma percepção e interação outra dos e com os corpos e as culturas, diferente do que observamos nos documentos analisados. Assim, afirmamos a necessidade de centralização da relação corpo-cultura no processo formacional docente, claramente expresso nos documentos curriculares das licenciaturas.

REFERÊNCIAS

- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, vol. 22. jul./dez. 1997. n° 2, p. 15-46.
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2.ed. tradução de SoniaM. S. Furmann. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.
- MACEDO, R. S. **A teoria etnoconstitutiva do currículo**: teoria-ação e sistema curricular formacional. Curitiba: CRV, 2016.
- CANDAU, V. M. Multiculturalismo e Educação: desafios para a prática pedagógica. MOREIRA, A. F. B. e CANDAU, V. M. (Orgs.) **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- SILVA, M. C. de P. **Do corpo objeto ao sujeito histórico**: perspectivas do corpo na história da educação brasileira. Salvador: EDUFBA, 2009.
- SILVA, T. T. da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias críticas do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Palavras-chave: Currículo, formação docente, corpo-cultura.